



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**THAMIRES NOBRE SOARES**

**A PARCERIA DA FAMÍLIA COM A ESCOLA NO  
DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO DA CRIANÇA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro,

2021

**THAMIRES NOBRE SOARES**

**A PARCERIA DA FAMÍLIA COM A ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO  
SOCIOAFETIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

ORIENTADORA: Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia

Rio de Janeiro/ RJ

2021

**THAMIRES NOBRE SOARES**

**A PARCERIA DA FAMÍLIA COM A ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO  
SOCIOAFETIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Data de aprovação: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup>: Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia – Orientadora  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

---

Prof.<sup>a</sup>: Pós Dr. Reuber Gerbassi Scofano  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

---

Prof.: Dra. Silvia Gabrielle Braz Coimbra  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Dedico é trabalho à Deus, minha fonte inesgotável de confiança, à Virgem Maria, por nunca sair ao meu lado e à toda minha família, que é minha força, coragem e inspiração. Ao meu pai, que com muito trabalho sempre nos ensinou a ser forte e uma pessoa de caráter. À minha mãe, que com seu amor e bondade, nos ensinou a ser uma pessoa do bem. Aos meus irmãos, que em meios as discordâncias e brincadeiras, sempre se mantiveram unidos. As meninas Nobres, as mais incríveis mulheres deste mundo, ao meu marido e filha, por todo amor, e vontade de querer ir sempre além.

“Atrás de cada criança que acredita em si mesma, está uma família que acreditou primeiro.” Matthew L. Jacobson

## Agradecimentos

O caminho até aqui foi longo, a caminhada pesada. Por anos, imaginei o que escrever aqui, mas o medo e ansiedade sempre chegavam e tomavam conta de tudo, fazendo o sonho ficar distante e intocável. Mas nunca, nunca deixei de acreditar que seria possível chegar até aqui, Deus me fez forte e não me permitiu desistir. Por isso, primeiramente, como em tudo na minha vida, preciso agradecer e entregar todo este trabalho a Deus, por permitir sonhar sempre além, acreditar em mim mesma, me colocar na UFRJ e enfim, concluir meu curso de Pedagogia, para assim estar dentro da sala de aula, o que faz meu coração vibrar. Agradeço à Maria Santíssima, que por tantas vezes me colocou em Seu Colo, me acolheu, amparou e intercedeu por mim, do começou ao fim desta jornada. Obrigada, mãe! Muito obrigada! À minha casa tão amada, São Roque, por fazer em mim crescer a fé e o amor por Jesus Cristo, por me acolher desde tão pequena, até hoje, cuidar de mim e minha família. Obrigada, por cada cantinho, que me acolheu e me amou, quando eu mais precisava.

Agradeço à minha família, o bem mais precioso que Deus me deu, que sempre me apoiou, acreditou em mim, me fez de exemplo, fizeram tudo por mim. Muito obrigada, essa vitória também é de vocês. Em especial ao meu pai, que me deu forças e coragem para estudar, os lanches ficarão guardados em meu coração. A minha mãe, por suas orações, companheirismo e amizade, por viver meus sonhos e nunca permitir que os abandone.

Agradeço a minha nova família, meu maior sonho, Raphael e Maria Beatriz, hoje concluo este trabalho não só por mim, mas por vocês também, para que a nossa família sonhe voos cada vez maiores.

Aos meus amigos, os quais carrego em meu coração, por suas orações, carinho e amizade. Por ficarem felizes com as vitórias e conquistas da minha vida.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, por ser esta instituição tão grande, que move a mente e o coração da gente, em especial à minha amada turma, 2010.2 e aos meus queridos amigos, Gabriela, Thiago, Victor, Patrícia, Sacha, Gisele e Aline, vocês permitiram que a faculdade fosse mais leve e feliz. Obrigada, por nunca desistirem de acreditar em mim, eu consegui!

Obrigada a todos os professores da Faculdade de Educação, por todo ensinamento e fazer acreditar que a Educação de qualidade é possível, por nos ensinar a acreditar no aluno e nunca desistir deles, vocês são fantásticos. Agradeço a querida professora Maria Vitória Maia, você é uma professora incrível! Muito obrigada por todas as vezes que me acolheu e incentivou, continue sendo luz dentro e fora da UFRJ.

## RESUMO

Assim, surgiu o objeto de pesquisa buscando refletir de que maneira a união da escola com a família pode contribuir com desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor das crianças. O presente trabalho intitulado “A parceria da família com a escola no desenvolvimento socioafetivo da criança na educação infantil”, tem como objetivo refletir de que maneira a união da escola com a família pode contribuir com desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor das crianças no desenvolvimento socioafetivo da criança na educação infantil. Esse tema foi escolhido pelo fato de ser uma necessidade enfatizá-lo em relação a presença dos pais na educação infantil, pois nessa fase, a criança precisa do apoio dos pais, para que possa adquirir segurança nas demais tarefas do dia a dia, sendo assim, amadurecendo gradativamente. O presente trabalho está pautado em uma pesquisa bibliográfica com o uso de pesquisa de campo. O trabalho está dividido em três capítulos de forma encadeada. No primeiro capítulo, apresento o trabalho, a instituição em que será realizada a pesquisa de campo e a história da Educação Infantil. No segundo capítulo é feita uma abordagem sobre os aspectos do desenvolvimento socioafetivo da criança, focando também a questão da emoção, além dos estágios de desenvolvimento que a criança passa do nascimento até a adolescência. Os estágios de desenvolvimento humano de Henri Wallon se dividem em: impulsivo emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial e da puberdade e da adolescência. Para Wallon, a passagem de um estágio para o outro significa uma reformulação. No terceiro capítulo, é apresentada uma abordagem em relação à colaboração da parceria família-escola para o desenvolvimento socioafetivo das crianças, onde cada uma destas instituições tem seus deveres e suas características, sendo assim, uma complementando a outra, para que contribua para o desenvolvimento pleno da criança. No quarto capítulo, é feita uma abordagem sobre a análise dos resultados da pesquisa de campo, realizada no ambiente escolar onde pais e professores



colaboram através de questionários respondidos com perguntas relacionadas ao tema em estudo.

**Palavras - chaves:** Família/Escola; Socioafetividade; Educação Infantil.

## ABSTRACT

The present work, entitled *The partnership between the family and the school in the social-affective development of the child in early childhood education*, aims to identify these contributions to the social-affective development of the child in early childhood education. This theme was chosen because it is necessary to emphasize it in relation to the presence of parents in early childhood education, because at this stage, the child needs the support of parents, so that they can acquire security in other daily tasks, thus, maturing gradually. The present work is based on a bibliographical research using field research. The work is divided into three chapters in a connected way. The second chapter deals with aspects of the child's socio-affective development, also focusing on the issue of emotion, in addition to the developmental stages that the child goes through from birth to adolescence. Henri Wallon's stages of human development are divided into: emotional impulsive; sensorimotor and projective; personalism; category and puberty and adolescence. For Wallon, moving from one stage to another means a reformulation. In the third chapter, an approach is presented in relation to the collaboration of the family-school partnership for the socio-affective development of children, where each of these institutions has its duties and characteristics, thus, one complementing the other, so that it contributes to the development full of the child. In the fourth chapter, an approach is made to the analysis of the results of the field research, carried out in the school environment where parents and teachers collaborate through questionnaires answered with questions related to the topic under study.

**Keywords:** Family/School; Socio-affectiveness; Child education.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>17</b>
<b>A CRIANÇA E O DESENVOLVIMENTO AFETIVO.....</b>	<b>17</b>
2.1 – EMOÇÃO.....	20
2.2 OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO WALLON.....	21
2.2.1 ESTÁGIO IMPULSIVO EMOCIONAL.....	23
2.2.2 – ESTÁGIO SENSORIO MOTOR E PROJETIVO.....	24
2.2.3 – ESTÁGIO PERSONALISMO.....	25
2.2.4 – ESTÁGIO CATEGORIAL.....	26
2.2.5 – ESTÁGIO DA PUBERDADE E DA ADOLESCÊNCIA.....	27
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>30</b>
<b>PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO DA CRIANÇA.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>37</b>
<b>APRESENTANDO A ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>37</b>
4.1 - ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS.....	38
4.2 - ENTREVISTA COM AS MÃES.....	39
4.3 – CONCLUSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>46</b>

## Capítulo I

### INTRODUÇÃO

Este presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar uma pesquisa sobre como é importante e fundamental a participação da família na Educação Infantil. Este tema surgiu ao perceber a relação dos pais com as crianças na Educação Infantil, pois nesta fase a criança precisa da proteção e suporte dos pais, para que possa adquirir segurança nas demais tarefas diárias, buscando o desenvolvimento, para então amadurecer gradativamente.

Desde ainda no curso normal, sempre estive envolvida na Educação Infantil, é um ambiente que me agrada e perceber o desenvolvimento de cada criança é encantador, mais ainda o que podem criar, transformar e imaginar. Ao lado das crianças, sempre estão os pais, sejam eles participativos ou não. Mas influenciando no desenvolvimento de cada criança.

Atualmente, trabalho com o Tempo Integral, crianças do contraturno, que passam até 12 horas na escola para suas famílias trabalharem, estudarem ou apenas acreditarem que dentro da escola é o ambiente ideal para o desenvolvimento integral de seus filhos. Assim, surgiu o objeto de pesquisa diante da observação em relação à presença dos pais, na Educação Infantil, pois neste período de vida, a criança precisa de toda assistência dos pais para que possa adquirir segurança, nas tarefas do dia a dia, sendo assim, amadurecendo gradativamente. É responsabilidade dos pais educar, mostrando os valores importantes para aquela família e para viver em sociedade, já a escola deve ensinar e instruir as crianças, ensinando o aluno o que fazer com o que se aprende. É essencial compreender que cada um tem papel fundamental na vida e educação de uma criança, na construção educacional e, para que isso ocorra, as funções da família e escola devem acontecer em parceria, a fim de que uma complemente a outra. A relação família e escola deve dialogar da mesma maneira, de uma forma em que a criança compreenda o “caminho que deve seguir”.

Historicamente, segundo Coley (2001), é possível verificar que nos séculos XVII e XVIII, o papel dos pais era de arcar com os custos financeiros, religiosos e a moral. Os pais que trabalhavam em fazendas perto de suas famílias tinham uma maior aproximação de seus filhos.

A partir do século XIX, com o aumento da carga horária e o trabalho nas indústrias, houve a redução de tempo com a família, ficando com as mães, a maior responsabilidade em cuidar dos filhos. Quando pequenos, grande parte do tempo é passado com as mães, enquanto na maioria dos casos, os pais saem para trabalhar logo cedo e retornam à noite, tornando o tempo de convívio precário com a família.

No século XIX, aconteceu um acentuado crescimento demográfico, devido à entrada de imigrantes no Brasil. Em meados do século XIX, a fim de construir um estado moderno e sem “atraso”, a população deixa de ser rural, em sua maioria, e passa a ser urbana, a cidade começa a crescer, como também as atividades e serviço. O que faz com que a mulher seja inserida no mundo do trabalho. Os homens ocupavam uma posição elevada na estrutura familiar. Com o passar dos anos, a mulher ganhou espaço nas tarefas até então direcionadas aos homens., sendo assim, os pais, que antes contribuía com as finanças da casa, ajudavam também nas responsabilidades dos filhos.

Bowlby (1989, apud BENCZIK, 2011) reforça a importância de os pais fornecerem um apoio seguro, em que a partir do mesmo, a criança ou adolescente possa explorar o mundo exterior e retornar certos, de que serão bem-vindos, nutridos fisicamente e emocionalmente, confortados se houver um sofrimento e encorajados se estiverem ameaçados. A consequência dessa relação de apego é a construção, por volta da metade do terceiro ano de idade, de um sentimento de confiança e segurança da criança em relação a si mesma e, principalmente, em relação àqueles que a rodeiam, sejam estas suas figuras parentais ou outros integrantes de seu círculo de relações sociais.

A palavra FAMÍLIA tem sua origem do latim “*famulus*”, que expressa o conjunto de escravos domésticos. De acordo com o dicionário Michaelis, o conceito de família é compreendido por um grupo de pessoas que possuem ou não um grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar. A união de uma família acontece devido aos inúmeros laços afetivos, que são capazes de preservar os indivíduos moralmente, materialmente e reciprocamente, de geração à geração. As configurações de família desde o século passado vêm sofrendo transformações históricas e sociais e até hoje não chegaram ao fim.

A Igreja Católica, refere – se à família como um “Santuário da Vida”. O então Papa João Paulo II, em sua “Carta às Famílias” (1994), considerou que a família deve ser o bem maior, porto seguro, um santuário. É nela que é possível encontrar alento quando preciso,

alegria de viver, amor e devoção. É fundamental que todos os integrantes da mesma família vivam em sintonia e harmonia, caso contrário, dificilmente haverá um ambiente saudável e feliz. O Brasil seguiu o modelo de organização familiar patriarcal, português, seu país colonizador. Administra o patrimônio, onde a família era uma unidade política, jurídica, econômica e religiosa, tendo como foco a figura masculina como chefe supremo de toda a organização familiar, tendo como orientação o padrão antigo Estado Romano, que no começo perdeu fortes interferências do Estado e da Igreja Católica, no qual o fundamental elemento era o casamento indissolúvel, o patrimônio, a hierarquia e o heterossexualismo.

A Constituição Federal de 1988, foi um marco muito importante na evolução do conceito de família, em que Lévy-Bruhl (GENOFRE,1997, apud SIMONATO E OLIVEIRA,2003). conceitua que um fator predominante da evolução da família é sua propensão a se tornar um grupo cada vez menos hierarquizado e sistematizado, fundando-se em respeito mútuo. De acordo com Maria Berenice Dias, desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, em seu artigo intitulado em 2005 (apud CASTRO,2011), “A evolução da família e seus direitos”, após a promulgação da Constituição Federal de 1988 aconteceu o rompimento no carácter monolítico da família, formando um novo perfil, em que os interesses afetivos e existenciais eram focados nos seus membros, com a perda do modelo anterior conservador, que desejava mais o patrimônio moral da família, que aos poucos foi sendo superado, abrindo novos paradigmas.

A partir do século XVIII, a obra de Rosseau (1999) influenciou consideravelmente na educação das crianças menores, fazendo com que Friedrich Froebel idealizasse a Educação Infantil, a qual ele chamou de jardim de infância. Froebel (2001, apud SOUZA, 2010), defendia a ideia do desenvolvimento natural e espontâneo da criança, na qual considerava a criança como uma plantinha e a professora a jardineira. Devido a este pensamento, ficou conhecido como o pedagogo dos jardins de infância, com sua concepção naturalista romântica; para atender crianças de até seis anos de idade.

Vinte e um anos após a criação do primeiro jardim de infância privado surge em São Paulo, no ano de 1896, o primeiro jardim de infância público e três anos depois, é criado o Instituto de Proteção e Assistência a Infância do Rio de Janeiro, que com o passar dos anos, abriria demais filiais por toda a nação, inaugurando, então, no mesmo ano, uma creche ligada à fábrica de Tecidos Corcovado no Rio de Janeiro.

Uma diferenciação pertinente que vale ser ressaltada se refere aos termos creche e jardim de infância. A creche visava assistir a criança que ficava privada aos cuidados maternos devido ao trabalho da mãe, tendo como principal objetivo evitar o abandono das mesmas por seus responsáveis. O jardim de infância pretendia exercer o papel de moralizador da cultura, transmitindo as crianças os mesmos padrões adotados na França e na Bélgica (SILVA, 2012, S.P.).

No Brasil, a fim de atender os filhos da elite da sociedade, foi criado o primeiro jardim de infância na rede particular, fundado em 1875, na cidade do Rio de Janeiro. Criado por Menezes Vieira, onde apesar de sua escola atender a alta burguesia da época, ele concordava que os jardins de infância tinham o dever de dar suporte as crianças negras abolidas pelo ventre livre e as classes sociais menos favorecidas.

A difusão das instituições de Educação Infantil, inspiradas nos modelos europeus e norte-americanos, acompanharam o desenvolvimento e a modernização, como a industrialização, urbanização e as transformações científicas e tecnológicas

Sendo assim, neste trabalho, tenho como problema a seguinte questão: A parceria da família junto com a escola, pode favorecer o desenvolvimento socioafetivo da criança? Quais as contribuições as famílias podem oferecer na parceria com a escola de educação infantil visando o desenvolvimento socioafetivo da criança? O objetivo geral seria, assim, compreender essas contribuições no desenvolvimento socioafetivo da criança na educação infantil. As questões a serem estudadas e seus objetivos desdobrados são: A importância da afetividade para desenvolvimento infantil. De que maneira a parceria entre a família e a escola pode contribuir para o desenvolvimento socioafetivo da criança na Educação Infantil,

O presente trabalho de conclusão de curso será organizado por meio de pesquisa bibliográfica, pois segundo Cervo e Bervian (2007, p.65), “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos”, utilizando diversos referenciais teóricos, entre eles, a contribuição de Henri Wallon, intitulada: “Psicologia e educação da criança” (1979); como autores primários, além de outros autores a partir destes.

Igualmente, dentro da pesquisa de cunho qualitativo, para além da pesquisa bibliográfica para compor o quadro teórico da mesma, houve um estudo de caso, como campo feito pela autora desta monografia, acompanhando a rotina das crianças e professores em sala de aula e também e a relação professores x família, a maneira como se desdobra a comunicação e

interação entre ambos. Assim sendo, houve o desenvolvimento de uma pesquisa com professores, pais e observação em sala de aula em uma escola de Educação Infantil, de uma determinada rede particular de ensino, que atende alunos de uma classe economicamente privilegiada. Como forma de validar, ou não, os objetivos acima propostos.

O trabalho está dividido em três capítulos de forma encadeada. No segundo capítulo é feita uma abordagem sobre os aspectos do desenvolvimento socioafetivo da criança, com ênfase também na emoção, além dos estágios de desenvolvimento que a criança passa do nascimento à adolescência.

No terceiro capítulo, é apresentada uma abordagem em relação à colaboração da parceria escola x família para o desenvolvimento socioafetivo das crianças, onde cada uma destas instituições tem seus deveres e suas características, sendo assim, uma completando a outra, a fim de contribuir para o desenvolvimento pleno da criança.

No quarto e último capítulo, é realizada uma abordagem sobre a análise dos resultados de pesquisa de campo, realizada no ambiente escolar onde pais e professores colaboraram através de questionários respondido, com as perguntas relacionadas a importância da família e escola e sua parceria.



## Capítulo II

### A CRIANÇA E O DESENVOLVIMENTO AFETIVO

Quando se fala em desenvolvimento socioafetivo, pode – se lembrar de Wallon e Vygotsky (apud LEITE E TASSONI, 2002), que em linhas gerais buscam a identificação da presença de aspectos afetivos na relação professor/aluno e as possíveis influências destes no processo ensino aprendizagem.

De acordo com Wallon (1971, apud LEITE E TASSONI, 2002), chamam-se de “impulsivos” todos os movimentos ineficazes que a criança manifesta logo após ter nascido, tais movimentos tornam-se intencionais, expressivos e organizados, através do estabelecimento entre comunicação do bebê e o ambiente humano, sendo assim as crianças ganham significados, através dos gestos adultos. É defendida pela tese de Wallon (1968, apud LEITE E TASSONI, 2002), que no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo é de suma importância, a afetividade. É estabelecido basicamente, através de impulsos emocionais, os primeiros contatos da criança com o mundo, tendo a função de comunicar-se nos primeiros meses de vida. O sentir, o pensar e o imaginar, são reflexões de um mundo objetivo, através dos conhecimentos de Wallon (1978, apud LEITE E TASSONI, 2002).

Vygotsky (1998, apud LEITE E TASSONI, 2002), procurava esboçar as primeiras emoções originalizadas para as experiências emocionais superiores, para ele faltava expectativa para desenvolver explicações das emoções. Os adultos têm uma vida mais emocionalmente apurada, em relação as crianças, que através da linguagem, absorvem mecanismos culturais e processos psicológicos, afetivos e cognitivos, determinados de acordo com ambiente cultural e social. As contribuições teóricas de Vygotsky permitem compreender o processo universal das emoções e sentimentos. Segundo Vygotsky, as emoções existem, entrelaçando-se entre o cognitivo e o simbólico. Por sua vez, Wallon (1978, apud LEITE E TASSONI, 2002), defende que a afetividade é a fonte de conhecimento, no qual afirma que a criança se comunica com o mundo simbólico através das expressões afetivas, que transpassam a interferência que se estabelece entre ela e os adultos ao seu redor. Demonstra-se que as manifestações emocionais de caráter orgânico se dificultam, passando a atuar no universo simbólico, e com esses argumentos que se formam as tais manifestações.

As manifestações das emoções são atribuídas uma função social devido ao grande índice expressivo e a influência de contagiar e mobilizar o outro, a consciência pessoal da

criança é formada em meio ao coletivo, enfatizando a emoção. Segundo Wallon (2007, p.124), à emoção tem o papel de unir os indivíduos entre si por suas reações mais organizadas e íntimas. Tornando a aprendizagem e o desenvolvimento mais rico e significativo. Afirma-se que a escola é um ambiente em que seu principal dever é a transmissão/produção de conhecimentos, sendo assim “as relações afetivas se evidenciam pois, a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor - aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (ALMEIDA, 1999, p.107, apud LEITE E TASSONI,2002)

Segundo Almeida (1999, apud LEITE E TASSONI,2002), que comprova a evolução da afetividade através das relações sociais, as manifestações ganham significado e, com a apropriação da linguagem, a afetividade obtêm novas formas de expressões, além de ocorrer também uma transformação nos próprios níveis de exigência afetiva.

Com o advento da função simbólica que garante formas de preservação dos objetos ausentes, a afetividade se enriquece com novos canais de expressão. Não mais restrita a trocas dos corpos, ela agora pode ser nutrida através de todas as possibilidades de expressão que servem também à atividade cognitiva (DANTAS,1993).

Com isso, pode -se dizer que a afetividade é muito mais que elogios levianos, carinhos corporais, e com o passar do tempo, a relação se torna entediante, reduzindo o período de um convívio agradável. De acordo com Dantas (1993, apud LEITE E TASSONI, 2002), o desenvolvimento das crianças em relação à afetividade, ganham mais complexidade, substituindo o contato corporal, pela natureza cognitiva, que impõe com prioridade o respeito e a reciprocidade.

Desde recém-nascido, a criança se comunica com o mundo ao seu redor através da emoção. Mesmo sem o domínio da linguagem o bebê se comunica através de expressões, com movimentos fisiológicos, criando relação com seu cuidador mais próximo. A linguagem do choro, os movimentos e gestos do recém-nascido são repletas de significados afetivos, sendo expressões da necessidade para alimentar-se e de humor, estabelecendo assim uma comunicação não verbal com seu cuidador, seja a família ou educador. A partir deste momento, o bebê começa a se comunicar com o mundo social.

É de suma importância, nos primeiros meses de vida do bebê, a aproximação dos pais, através dos contatos gestuais. Tal relação é que caracteriza o ensinar e o aprender, transcorrendo a partir de vínculos entre pessoas e inicia-se no âmbito familiar. Com essas conquistas no mundo simbólico, a criança obtém avanços significativos no âmbito cognitivo.

[...] criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São seus relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser (MOHONEY, 1993, P.68).

Portanto, o desenvolvimento psicológico da criança é fundamental para que ela possa buscar a cultura oferecida em seus ambientes. A definição de afeto, de acordo com o dicionário, de filosofia – Abbagnano, (Fontes, 2007, p.21) em senso comum, as emoções positivas que se referem a pessoas e que não tem o caráter dominante e totalitário da paixão. Enquanto as emoções podem se referir tanto a pessoas quanto a coisas, fatos ou situações, os afetos constituem a classe restrita de emoções que acompanham algumas relações interpessoais, limitando-se à totalidade indicada pelo adjetivo “afetuoso”, e que por isso, exclui o caráter exclusivista como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura etc.

Barry Wadsworth (1997) afirma em seu livro “Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget”, que o desenvolvimento intelectual é visto como tendo dois elementos: um cognitivo e o outro afetivo e que os dois ocorrem paralelamente. A afetividade humana é composta culturalmente, pois as emoções variam de cultura para cultura, sendo achado e designado de diversas formas em culturas diferentes. A chamada primeira infância, onde os avanços essenciais são as conquistas da autoconsciência. Na segunda etapa dessa infância, a criança adquire mais um lado afetivo que é a questão da sexualização da identidade onde percebem as diferentes necessidades entre menino e menina. Dos seis aos onze anos, na segunda infância, as crianças veem os pais como referência. Onde na adolescência, esse vínculo é desatado, para que possa adquirir a autonomia afetiva. De acordo com Bossa (2002), a questão do afeto esteve e estará sempre junto da relação pedagógica, portanto não há relacionamento humano que não tenha presente essa grandeza do ser.

## **2.1 – A EMOÇÃO**

Segundo Wallon (2007), as influências afetivas são imprescindíveis às crianças desde o berço, tendo uma ação crucial na evolução mental. As emoções consistem basicamente em sistemas de atitudes, funcionando como uma amálgama entre o social e o orgânico, atribuindo as emoções a um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica. O gerenciamento dos pensamentos é influenciado pelo desequilíbrio emocional, que é interferido no cognitivo, concentrando as emoções, sendo elas positivas ou negativas. Lembra-se que a emoção é significativa para a saúde psíquica. Como se trata de serem humanos, sendo eles sociais e especialmente afetivos, por relacionar – se com os demais seres. Por isso as formas de aprendizagens, aparecem pelas relações sociais.

Vygotsky (2004), diz ainda que as relações emocionais atuam fundamentalmente sobre as formas do comportamento no processo educativo. A emoção atinge os estados interiores da consciência, que por osmose os mesmos afetem a sala de aula, sendo assim, se as emoções aproximam - se dos aprendentes, a escola é favorecida, quando não, o tédio e o desperdício de tempo tomam conta desses alunos insatisfeitos. A qualidade de vida é determinada através das vivências da experiência, processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que são encontrados no cotidiano, através das emoções. Não são separados os conceitos de emoção da inteligência, são confirmados por ela, gerando três coisas indissociáveis do saber: atenção, conhecimento e memória. As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, não tem:

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão por que a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1979, p. 262)

De acordo com Almeida (2005), citando Wallon, observa que o que une a criança ao meio social, são as emoções, antecipando a intenção e o raciocínio. As crianças quando entram para a escola, muitas das vezes, não estão preparadas, pois essa entrada significa o primeiro distanciamento da família. Sendo assim, o afeto com a professora poderá ajudar a criança a interagir com a escola e os colegas. Wallon (2008) defende que a afetividade é a fonte do conhecimento e afirma que a criança acessa o mundo simbólico através das manifestações afetivas que permeiem a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Wallon entende que a primeira relação do ser humano ao nascer é o ambiente social, com as

peessoas ao seu redor. As manifestações iniciais do bebê assumem um caráter de comunicação entre ele e o outro, sendo vistas como o meio de sobrevivência típico da espécie humana.

Os únicos atos úteis que a criança pode fazer consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio. Portanto os primeiros gestos, não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas, de expressão (WALLON, 2008, p. 201)

De acordo com Dantas (1992), as emoções, para Wallon, têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino.

## **2.2 – OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO WALLON**

Galvão (2008), afirma que a afetividade para Wallon ocorre de acordo com estágios que ele propõe para entender o desenvolvimento humano. Os estágios a que se refere são de suma importância para a educação, por compreender o desenvolvimento humano. O educador, a partir dos estágios, pode elaborar atividades para o desenvolvimento do educando na aprendizagem, para colaborar de acordo com a predominância do afetivo e cognitivo. O desenvolvimento da pessoa é visto como uma construção progressiva em que fases se sucedem com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Sendo dividida em cinco estágios: estágio impulsivo emocional, estágio sensório motor e projetivo, estágio do personalismo, estágio categorial e estágio da puberdade e da adolescência.

O primeiro estágio de desenvolvimento humano de Henri Wallon, Impulsivo Emocional, corresponde do nascimento até aproximadamente a criança completar seu primeiro ano de vida, basicamente afetivo, em que a emoção é o principal fator de seu desenvolvimento. A relação com o ambiente, desenvolve na criança, sentimentos intraceptivos e fatores afetivos. O Sensório-motor e projetivo, de um ano de idade até aproximadamente o terceiro ano de vida, é uma fase em que a inteligência predomina e o mundo externo prevalece nos fenômenos cognitivos. A inteligência, nesse período, é tradicionalmente particionada entre inteligência prática, obtida pela interação de objetos com o próprio corpo, e inteligência discursiva, adquirida pela imitação e apropriação da linguagem. Os pensamentos, nesse estágio,

muito comumente se projetam em atos motores. Personalismo, este estágio, que se estende aproximadamente dos três aos seis anos de idade, é um período crucial para a formação da personalidade do indivíduo e da autoconsciência. Uma consequência do carácter auto afirmativo deste estágio é a crise negativista, a criança se opõe sistematicamente ao adulto. Por outro lado, também se verifica uma fase de imitação motora e social. A fase da Puberdade e o Categorical, é o estágio em que a criança começa a desenvolver as capacidades de memória e atenção involuntárias. Este estágio geralmente se manifesta entre os seis e onze anos de idade. E o da adolescência, mais ou menos a partir dos onze, doze anos, a criança começa passar pelas transformações físicas e psicológicas da adolescência. Este é um estágio com característica afetivas, onde a pessoa passa por uma série de conflitos internos e externos. Uma das grandes marcas deste estágio da Adolescência , é a autoafirmação e o desenvolvimento da sexualidade. Para Wallon, a passagem de um estágio para o outro, significa uma reformulação.

Cada um desses estágios possibilita novas experiências realizadas pela etapa anterior, construindo reciprocamente num processo de interação e diferenciação. A existência do predomínio do aspecto afetivo em determinado estágio como, por exemplo, no impulsivo-emocional, não demonstra que aspectos afetivos não estarão presentes no próximo estágio, ainda que não sejam os predominantes. Enfim, no decorrer do desenvolvimento ocorrem sucessivas diferenciações entre os campos funcionais.

### **2.2. 1 – O ESTÁGIO IMPULSIVO EMOCIONAL**

O estágio impulsivo emocional é o primeiro estágio do desenvolvimento descrito por Wallon que abrange o período do nascimento até um ano de idade. É um estágio predominantemente afetivo, onde as emoções são o principal instrumento de interação com o meio. A relação com o ambiente desenvolve na criança, sentimentos intraceptivos e fatores afetivos. A afetividade orienta as primeiras reações do bebê com as pessoas, às quais intermediam sua relação com o mundo físico. O colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio (GALVÃO,2008).

Na proposta Walloniana, a criança inicia sua vida em sua situação de total dependência do meio externo. Em consequência, de sua inaptidão prolongada, mostra-se incapaz de resolver suas próprias necessidades para sobrevivência, necessitando do meio social para interpretar, dar significado e trazer respostas a ela. Tais manifestações suscitarão nos adultos que a cercam reações de cunho afetivo e de natureza emocional, provocando respostas a suas necessidades. Essa situação de verdadeira imersão social vivido pelo bebê constitui um período nebuloso, indiferenciado, sem delimitação entre o eu e o outro. É um estado de indivisão entre aquilo que deriva da situação exterior e o que surge do próprio sujeito. Assim, a criança começa a ser global, indiscernível e social. (WALLON, 1981).

Os gestos e expressões realizadas pelo bebê e adultos ao seu redor são sinais que servem de comunicação entre ambos, com estímulos que auxiliam o bebê a construir relações com o meio social, a intensidade dessas trocas cria um verdadeiro campo emocional, no qual gestos, atitudes, vocalizações e mímicas adquirem tons cada vez mais diversificados de dor, tristeza e alegria. É a linguagem primitiva constituída de emoção pura. É a primeira forma de sociabilidade. Para Galvão (2008), o que predomina nesta fase é a afetividade para as primeiras relações com o outro e o mundo físico, porém a criança está voltada para a construção do eu. A criança neste período é dependente do meio externo para sobreviver, e necessita do meio social para interpretar, dar significado e trazer resposta a ela. Provoca nos adultos que o cercam reações afetivas e de natureza emocional. Através de respostas e estímulos o bebê passa a demonstrar seus desejos e necessidades, provocando uma reação contagiante estabelecendo assim uma relação íntima profunda. A relação afetiva que o professor constrói com a criança permeia neste estágio, assim como em todos os outros estágios.

### **2.2.2 ESTÁGIO SENSÓRIO MOTOR E PROJETIVO**

O estágio sensório-motor e projetivo inicia-se por volta de um ano e se estende até os três anos de idade. Esta etapa de desenvolvimento caracteriza-se pela investigação, exploração e manipulação da realidade exterior, bem como pela aquisição da aptidão simbólica e pelo início da representação, colocando a criança em contato com o mundo físico e, portanto, é preponderantemente intelectual, em que o conceito da realidade passa a fazer parte da cotidiano da criança.

A exploração acontece ao desenvolver a preensão e a marcha: andar, manipular, agarrar, sentar, entre outros. Aparece também, a linguagem que permitirá uma nova exploração do

mundo e onde acontece a discriminação entre objetos: comparar, agrupar de acordo com a cor, tamanho e forma (GALVÃO,2008).

A segunda fase- projetivo, caracteriza-se pela utilização dos gestos para expressar os pensamentos. Os exercícios sensório-motores são, agora, interligados por meio do movimento de exploração objetiva que a criança realiza diante dos objetos, e até mesmo, nas partes de seu corpo. Ao tocar um objeto, a criança tenta reproduzir os mesmos movimentos que foram provocados pelas sensações, na tentativa de obter o mesmo efeito. O processo da repetição dos movimentos de maneira circular permite-lhe vivenciar diversas reações produzidas pelo seu ato. Segundo Costa (2008), a partir da análise feita do ato da criança, essa repetição possibilita um ajustamento do gesto a seu efeito, progredindo sua apreensão, sua percepção e sua linguagem, permitindo também à criança descobrir as qualidades dos objetos, aguçar as sensibilidades e organizar seus gestos úteis. Através da organização de seus atos, a criança percebe os diferentes movimentos, tornando sua atividade, cada vez mais organizada e planejada.

No início do estágio sensório-motor e projetivo, as conquistas das crianças obtidas pela marcha e linguagem possibilitam o desenvolvimento da inteligência das situações, permitindo revelar a busca por independência e exploração investigativa espacial ao seu redor. Depois disso, vem a etapa projetiva que caracteriza o funcionamento mental da criança: o ato mental projeta-se em atos menores. Através da linguagem da criança poderá revelar elaboração das imagens e dos símbolos expressando sua atividade mental, ou seja, a função simbólica ganha espaço.

Vale ressaltar que para Wallon a noção de corpo sofre transformações através do processo de amadurecimento da criança. A mesma apreende sua imagem como representação em comparação a imagem do outro. Logo, os conceitos imagem, corpo e esquema corporal estão presentes na teoria walloniana e lhe dão sustentabilidade (GALVÃO 2008).

### **2.2.3 ESTÁGIO DO PERSONALISMO**

O estágio do personalismo abrange dos três aos seis anos e está voltado para a pessoa, para o enriquecimento do eu e para a construção da personalidade. É caracterizado pela exploração de si mesmo, como um ser diferente dos outros. Nesse estágio, a preponderância é afetiva e apresenta três fases distintas: oposição, sedução e imitação. A oposição deve ser compreendida como busca de afirmação de si, como processo de diferenciação em relação ao



outro. A sedução é caracterizada pela necessidade de ser admirada, tornando-se centro das atenções. A imitação é marcada pela busca de modelos para poder compreender sua posição nas relações com outros (BASTOS & DER,2008).

Nesta fase é interessante que o educador saiba mediar e compreender a criança com muita percepção e paciência. A criança é capaz de mentir para o que deseja, de usar a força ou, recusa-se indignada a emprestar um brinquedo ao amigo, só porque tem ciúme, mas o empresta com alegria a uma pessoa a quem admira. Ao mesmo tempo, é capaz de compartilhar seus brinquedos e brincadeiras com outros e até renunciar a um brinquedo seu a fim de deixar feliz outra criança. É importante que o educador leve em consideração todas essas necessidades infantis, a fim de fortalecer a função afetiva que será preponderante em todas as etapas da vida da criança. Wallon (1981), destaca a importância da família para a criança, colocando que o comportamento e a personalidade da mesma sofrem mudanças devido ao lugar e o papel que lhe são dados na constelação familiar. Além da família, a escola tem papel fundamental para o desenvolvimento, pois é diversificado, rico e oferece novas oportunidades de convivência para a criança, promovendo o encontro com crianças da mesma idade. Já o professor, deverá manter com a criança uma relação de ordem pessoal, direta, quase maternal.

Segundo Wallon (2007), nesse estágio a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da própria consciência, que se dá pelo meio em que vive, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas. Aos poucos, a criança começa a se reconhecer como um ser social e busca a se diferenciar dos demais, iniciando um processo de reafirmação, a fim de adquirir autonomia, mas para isso atravessa por alguns conflitos.

A relação entre as evoluções da afetividade e da inteligência, devem ser compreendidos diante de uma relação de reciprocidade e interdependência. As condições para a evolução da inteligência têm raízes no desenvolvimento da afetividade e vice-versa. Dessa forma, para se pensar a pessoa na psicogenética walloniana, é preciso compreendê-la a partir da integração da inteligência, da afetividade e do ato motor. (BASTOS & DÉR,2008).

#### **2.2.4 – ESTÁGIO CATEGORIAL**

O estágio categorial, a partir dos seis anos de idade, os interesses intelectuais da criança se voltam para as coisas, para o conhecimento e para conquista do mundo exterior, predominando a aspecto cognitivo. Com o progresso da inteligência, a criança adquire maior

inteligência para manter as relações, começa a formular ideias e situações e a compreender de maneira mais ampla o mundo que a cerca. A criança passa a desenvolver a capacidade de memória e atenção voluntárias, concentrando – se naquilo que mais lhe agrada. Conceitos abstratos que abarcam vários conceitos concretos, formando categorias mentais. Neste estágio, o poder da abstração da criança é consideravelmente amplificado. Provavelmente isto consolida o raciocínio simbólico como ferramenta cognitiva (AMARAL,2008).

Ainda nesta abordagem, este estágio caracteriza – se na criança por começar a perceber que existe uma diferenciação entre si própria e o mundo externo. A escola facilita o desenvolvimento das suas potencialidades, transformando e confirmando sua imagem originada na família. A criança origina seus pensamentos tanto em suas experiências pessoais quanto o que compreende através do meio. Entre essas duas formas de conhecimento pode haver contradições que darão força ao seu desenvolvimento, pois através do enfrentamento delas é que irá mudando o estágio.

De acordo com Wallon (1995), as novas percepções criam uma serie de discriminações para as crianças dentre as pessoas, os objetos e os acontecimentos. A criança mantém nesse estágio uma relação mais estável com os adultos. A afetividade que vivência com o outro determina o carácter positivo ou negativo do que ela pensa, sente e faz. Suas potencialidades serão influenciadas a partir do meio em que vive. Uma das características que marcam o início do estágio é a emergência de uma capacidade nova para a criança: a autodisciplina mental, conhecida como atenção. Essa capacidade torna possível que ela se mantenha atenta por mais tempo em uma mesma atividade, desconsiderando os vários estímulos que recebe do ambiente e respondendo apenas aos que interessam.

Amaral (2008) afirma que o estágio categorial organiza uma nova estrutura mental dividida em duas partes: fase pré – categorial, entre seis e nove anos, caracterizado pelo pensamento sincrético e fase categorial, entre nove e onze anos, onde a criança classifica e ordena todas as coisas que vivencia. No início deste estágio o pensamento por pares é predominante. Esses pares formam – se por contrastes ou oposições, tanto quanto por vínculos ou semelhanças. É o par que sustenta o pensamento sincrético. Enquanto seu mundo interno é povoado de sonhos e poesias, o externo é repleto de símbolos e códigos culturais, é nesse contexto que desenvolve a inteligência, na qual o sincretismo é um fator determinante.

## **2.2.5 – ESTÁGIO DA PUBERDADE E DA ADOLESCÊNCIA**

A adolescência, que para Wallon tem início com a puberdade, é marcada por transformações de ordem fisiológica, mudanças corporais impostas pelo amadurecimento sexual, assim como transformações de ordem psíquica com preponderância afetiva. Nesse estágio, que se inicia a partir dos onze anos, os sentimentos se alternam procurando buscar uma consciência de si na figura do outro, contrapondo-se a ele, além de incorporar uma nova percepção temporal (GALVÃO,2008).

Segundo Dér & Ferrari (2008), na adolescência torna – se visível a forma como o meio social condiciona a existência da pessoa, configurando – se a personalidade de maneiras diversas. O estágio da puberdade e adolescência é apresentado pela teoria walloniana como a última e movimentada etapa que separa a criança do adulto que ela tende a ser. Nesta fase ocorrem modificações fisiológicas impostas pelo amadurecimento sexual, provocando na criança profundas transformações corporais acompanhadas por transformações psíquicas. O meio social e cultural passam a ser de grande importância. Os adolescentes tornam – se intolerantes em relação as regras e ao controle exercido pelos pais, e necessitam identificar – se com seu grupo de amigos. Enquanto os adolescentes de classe média exteriorizam seus sentimentos e questionam valores e padrões morais, os de classe operarias, que enfrentam precocemente a realidade social do adulto, como por exemplo, a necessidade de trabalho, vivem essa fase de outra maneira, pois tem de contribuir para a subsistência da família. A cultura geral aproxima os homens à medida que permite a identificação de uns com outros, enquanto a cultura específica e o conhecimento técnico afastam-nos, ao individualizá-los e diferenciá-los. A cultura para Wallon é, portanto, fator constituinte da pessoa e representante das aptidões totais do homem genérico, à medida que é constituída pela totalidade dos homens de determinada época e lugar (WALLON, 1981)

Conforme Mahoney e Almeida (2008), Wallon considera que os sonhos impossíveis, as fantasias sentimentais não atingem todos os jovens com a mesma intensidade, podendo ser contidos conforme as exigências de suas vida cotidiana, e deixa claro também que a desigualdade social como a exposição constante às tentações de uma sociedade consumista são riscos reais que precisam ser trabalhados pelo adulto para desenvolver o espírito de responsabilidade no jovem, adquirido pela pratica da vida social e pelo exercício da solidariedade junto com o espírito de responsabilidade que deve ser desenvolvido no adolescente através dos que o cercam. De acordo com Galvão (2008), há uma necessidade de uma nova definição em torno da personalidade, que fica abalada pelas modificações hormonais,

predominando a afetividade. A criança começa a passar pelas transformações físicas e psicológicas da adolescência. É um estágio caracterizadamente afetivo, onde passa por uma série de conflitos internos e externos. Os grandes marcos desse estágio são a busca de autoafirmação e o desenvolvimento da sexualidade.

Os grupos da adolescência são muitas vezes, entendidos como grupo de confronto ao adulto ou de evasão da realidade. Em alguns casos o desacordo entre as aspirações do jovem e o meio acaba por levar à formação de grupos hostis a ordem constituída como forma de contestação, mas também pelo gosto de aventura. Para a teoria walloniana a ambivalência de atitudes e sentimentos gera também no jovem, desejos de mudança e instala um período de oposição ao outro, aos adultos e ao seu meio. A oposição do jovem não visa tanto à pessoa do adulto, mas ao que ele representa, isto é, as leis e controles, cujos valores os jovens passam a questionar.

Vale ressaltar que o projeto está voltado para crianças de zero a seis anos, da educação infantil, englobando o Estágio Impulsivo Emocional, Sensório Motor e Projetivo e o Personalismo, sendo assim, essas crianças futuramente tende a passar nos demais estágios de Wallon, onde também é abordada a questão da afetividade.

### **Capítulo III**

#### **PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO DA CRIANÇA.**

Para entender um pouco dessa relação família e escola, no decorrer do século XIX, no Brasil, a escola um pouco mais intransigente, vai se tornando mais forte, como o *locus* essencial e privilegiado de formação de novas gerações, estando ligado diretamente a este fato, a ampliação da escolarização, ao processo de profissionalização do magistério primário, dentre outros fatores. Neste processo, deslocam-se outras instituições (igreja, família etc.) de seus lugares tradicionais de socialização, onde, na maioria das vezes, são consideradas

incompetentes ao ato educar bem, perante uma sociedade que urbaniza e se complexifica, que supõe novas atividades e padrões de comportamento.

De outro ângulo, nas primeiras décadas do século XX, os educadores e outros responsáveis da educação passam a criticar o desinteresse dos pais, especialmente nas classes populares, para com a educação dos filhos. Baseados no argumento de que embora seja essencial a participação das famílias na educação dos filhos, estas expressam um intenso desinteresse e incompetência para lidar com o assunto, no qual procura-se programar e desenvolver atitudes que visa a reaproximação da família e da escola. De maneira geral, nas mais diversas elaborações, estas ações exibem uma intenção colonizadora da escola em relação à família, em que se entende esta obrigação como um instante essencial da ação reformista da escola em frente à realidade social mais ampla.

Bettelheim (1998) aponta que a segurança propiciada pela sociedade é excelente, mas não pode nos dar segurança interior, nem calor emocional e bem-estar, nem respeito próprio, nem um sentimento que as coisas valem a pena. Somente os pais podem dar tudo isto aos filhos, no qual fará muito melhor se os derem também um ao outro. Se não obtivermos esses sentimentos de nossos pais, será extremamente difícil adquiri-los mais tarde na vida, eles serão instáveis na melhor das hipóteses. Assim, tudo depende de a família moderna poder proporcionar essa segurança emocional com base na intimidade pessoal e no amor e respeito mútuos de todos os seus membros.

A primeira etapa da vida da criança (de 0 a 3 anos de idade) é vivida independente da efetiva participação da família, ou seja, apesar das dificuldades de interação da família tal etapa acontece. A maioria dos responsáveis esperam que os filhos saibam se comunicar nas horas em que sintam necessidades fisiológicas ou de se alimentar, para que possam inseri-los no contexto escolar para o qual a criança não se encontra preparada. Enganam-se a respeito de que a escola dará conta, sozinha, de suprir todas as necessidades do desenvolvimento da criança. Instigar na criança valores morais, afetivos e de convivência social é tão importante na vida quanto levá-las a ler e escrever. Aquele é o papel dos pais e é fundamental que os pais atribuam à escola papéis que não são seus prioritários. Mais importante ainda é conscientizar esses papéis desta tarefa.

De acordo com a realidade brasileira no que se refere a definição de família, a Constituição da República Federativa do Brasil (1998) estabelece os conceitos essenciais em

relação à instituição familiar e reconhece como entidade familiar a união estável entre homem e mulher, ou a comunidade formada por quaisquer dois pais e seus descendentes. Percebe-se uma mudança significativa na definição estabelecida pela Constituição brasileira em relação às apresentadas anteriormente quanto à não inclusão das relações não heterossexuais enquanto unidade familiar.

A família por ser considerada a primeira agência educacional do sujeito, sendo responsável principalmente, pela maneira com que o indivíduo se interage com o mundo, a partir de sua localização na condição social. Em relação a família,

(...) um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino na língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da forma, em colaboração com a escola (POLONIA E DESSEN, 2005, p. 304).

A família é responsável juntamente às crianças, em termos de modelo que a criança terá e o desempenho de seus papéis sociais, é tradicionalmente chamada de educação primária. Visto que tenha função principal, orientar o desenvolvimento e adquirir comportamentos considerados corretos, em termos dos parâmetros sociais válidos em determinada cultura. A escola é a organização que tem como papel a socialização do saber sistematizado, ou seja, do conhecimento elaborado e da cultura erudita. Segundo Saviani (2005 apud OLIVEIRA E MARINHO – ARAÚJO, 2010), essa instituição relaciona-se com a ciência e não com o senso comum, no qual existe para harmonizar a obtenção de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber organizado (ciência) e rudimentos (bases) desse saber. A colaboração da escola para o progresso do indivíduo é específica à aquisição do saber culturalmente estruturado e aos campos diversos do conhecimento.

Família e escola têm seus particulares e suas complementaridades. Entretanto, não podem aceitar como instituições literalmente independentes. Sendo assim, essas duas organizações têm propósitos distintos, mas que se interpenetram, visto que “compartilham a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade” (REALI E TANCREDI, 2005, p.240). a diferença entre escola e família esta na maneira de ensinar, sendo que a primeira deve transmitir conteúdos pedagógicos, instruir e ampliar as possibilidades de convivência social, já a segunda deve favorecer a socialização das crianças com o mundo, ensinar valores, morais e afetivos e padrões sociais, que a família acredita ser importante.

Sendo assim, apesar da família e escola serem instituições socializadoras diferentes, apresentam – se características comuns e divergentes, no qual partilham a função de preparar os aprendizes para a vida cultural e socioeconômica, porém diferem nos propósitos que têm nas tarefas de ensinar. considerando as diferentes responsabilidades e anseios sobre a socialização e educação de crianças e jovens entre as instituições educacionais – família e escola, a relação entre elas é objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento. Quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, LDB 9496/1996) que a educação é dever das famílias e do Estado, aqui representado pelas instituições escolares.

É preciso pensar a parceria entre família e escola, no sentido de saber em que aspectos é possível à família mostrar-se presente, de forma a fazer com que a criança se sinta confortável e segura em suas novas atividades. De acordo com Almeida (2005), o educador é imprescindível na atividade pedagógica, ele é o medidor do conhecimento, por isso deve observar, articular os aspectos afetivo e intelectual, estes que na atividade pedagógica são indispensáveis e inseparáveis. E a família é de suma importância para o enfrentamento dos desafios da aprendizagem, ou seja, do desenvolvimento infantil, pois é o primeiro grupo que a criança tem contato, no qual sacia suas vontades e adquire seus primeiros comportamentos. Portanto, a criança é influenciada pelo meio familiar em que convive e a partir do momento que ela percebe o outro, cabe a escola assumir a responsabilidade do desenvolvimento da personalidade infantil.

A colaboração da família e da escola é indiscutível para o desenvolvimento da criança, a responsabilidade é de ambas as partes, uma tem que dar continuidade da outra, ou seja, trabalhar em parceria também em aspectos específicos. Dessa maneira, a relação professor/aluno tem diferentes naturezas, assim ambos proporcionam boas possibilidades de aprimoramento e de crescimento para esta relação. Família e escola devem estar associadas uma da outra, construindo no sujeito os universos de sua autoestima, confiança, emoções, sentimentos e atributos que modificam suas estruturas pessoais, sendo assim ambas as partes devem ser interligadas através de vínculos afetivos do educando.

O descobrimento da individualidade ocorre através de um trabalho conjunto da escola e da família, onde a criança se atenta, como um ser exclusivo e integrante de um grupo. Este é um desenvolvimento natural que não deve ser limitado. A escola, casualmente, resgata junto ao seu lado, alguns valores de sua formação. De outro ângulo, Montessori (S/D, apud CUNHA, 2008), observa que a família antes de fazer parte da escola, faz parte da sociedade. A preocupação com a personalidade humana dividir – se, mesmo em lares estruturados. Em um lado, a escola, parte

da sociedade, do outro, a família, também parte da sociedade, entre elas, concepções diferentes na formação do sujeito para a sociedade. Portanto, não existe um conceito único em torno das discussões educativas.

O papel da escola, não é apenas a transmissão teórica do currículo formal nem o de ser uma demanda de mercado, assim a escola como a família, abrange a infância, a juventude, e na maioria dos casos, a fase adulta do indivíduo. Contudo, amplia-se a termos que dominam os ensinamentos acadêmicos e introduzem-se nas extensões afetivas do ser.

Segundo Charlot (2001, apud CUNHA, 2008), para os jovens, a escola é o lugar de encontro, sendo um dos poucos locais onde podem ir e vir, já que a família tenta controlá-los, protegê-los das drogas, da violência e das “más companhias”, na tentativa de assegurar-lhes um futuro melhor. Sendo assim, a escola atinge parte da missão que está na sua origem, de ajudar crianças e adolescentes a relacionar-se, a aprender, e a ultrapassar do mundo infantil e juvenil para o adulto. O professor tem um preparo afetivo no qual a sua capacidade de atender seus alunos em inúmeras situações, permite a condição necessária na verificação do desenvolvimento individual para que eventualmente de assistência a família. Escola e família são responsáveis pelas barreiras e obstáculos naturais que aparecem na educação quanto à aplicação de alternativas pedagógicas para solucioná-las. Sendo assim, uma construção de uma experiência compartilhada de afeto e educação.

Os trabalhos com crianças primeiramente são focados na sua autonomia e ao equilíbrio social. A escola pode proporcionar, em seu espaço, as experiências afetivas que o aprendiz tem ou deseja ter em família. A família, por conseguinte, pode desempenhar uma extensão do ambiente de aprendizagem que o aluno exerce no espaço escolar.

Os estímulos afetivos da aprendizagem podem produzir a suplantação das barreiras pelas experiências nos relacionamentos e a prática das atividades em sala, surgindo espontaneamente habilidades outrora desconhecidas. O afeto é o movimento na educação. É a energia que demanda a ação, a ação que atende ao desejo. É também, o poder de desenvolver no educando o espírito de disciplina, o gosto pela regularidade, a ordem e o amor, na escola e na família. (CUNHA, 2008. P.100).

Segundo Oliveira (2002 apud OLIVEIRA E MARINHO-ARAÚJO,2010), as pesquisas sobre a relação família-escola, podem ser estruturados em dois grandes grupos, nomeado enfoque sociológico e enfoque psicológico. Através do enfoque sociológico a relação família-



escola é entendida pelas causas ambientais e culturais. Na relação entre educação e sociedade existe um determinado conflito entre as finalidades socializadoras da escola (valores coletivos) e a educação doméstica (valores individuais), quer dizer, a disciplina da família e os propósitos da escola. Diante de tal fato, as famílias que não se encaixam neste modelo cobijado pelas escolas, são os grandes fatores responsáveis pelas desigualdades escolares. Seguindo este enfoque, para um bom desempenho da escola, é necessário que as famílias possam aderir as mesmas estratégias de socialização por ambas utilizadas.

De acordo com Oliveira (2002 apud OLIVEIRA E MARINHO-ARAÚJO, 2010), para estimular uma reeducação para as famílias ditas como “desestruturadas”, tem de haver um propósito que muito das vezes, passa despercebido na tentativa de aproximação e colaboração. O âmbito escolar tem uma influência sob os pais, onde estes, possam educar seus filhos, e por sua vez, eles enfrentarem as escolas. Como no enfoque sociológico o compromisso pela educação social e moral do sujeito é família, no enfoque psicológico, ela é responsável pela educação psicológica.

Oliveira (2002 apud OLIVEIRA E MARINHO-ARAÚJO, 2010), diz que a família é o modelo de vida da criança, sendo usada para manter determinada parceria entre sua dinâmica familiar e o rendimento escolar, no qual coloca mais uma vez, a família como desqualificada. As considerações de estrutura emocional e afetiva adquirem um brilhantismo constante no que diz a respeito à compreensão da relação família-escola e da situação do fracasso escolar.

Ganha status natural a crença de que uma “boa” dinâmica familiar, é responsável pelo “bom” desempenho do aluno. As descrições centradas no plano afetivo ganham a atenção dos professores que, com algum conhecimento de psicologia, levam esse discurso para dentro da sala de aula e passam, em um processo naturalizado por todos, a avaliar e analisar o comportamento dos alunos (OLIVEIRA E MARINHO-ARAÚJO, 2010, s.p.).

Assim, de acordo com o âmbito sociológico, reforça que a escola deve exercer as exigências sociais, já no âmbito psicológico, considera os motivos psicológicos presente no ambiente familiar, sendo os essenciais responsáveis pela divergência entre valores e objetivos nas duas organizações.

Oliveira (2002 apud OLIVEIRA E MARINHO-ARAÚJO, 2010) destaca que em uma espécie de complementariedade, ocorre um oculto conflito da família com a escola, visivelmente desfeito nos fundamentais projetos de participação e de parceria entre essas duas

instituições, no qual afirma que tanto um quanto o outro, os enfoques destacam-se em dois aspectos principais. Sendo um, sobre a inexperiência da família na tarefa de educar os filhos, e o outro, sobre a interferência da escola para com essa tarefa, especialmente tratando do campo moral.

Contudo, através destas colocações, conclui-se que a relação família- escola ocorre através de um movimento de culpabilização e não de responsabilidade compartilhada, onde também é marcada por uma intensa atenção da escola voltada à orientação aos pais sobre a ação educacional, acreditando assim, que a participação da família é essencial para o sucesso escolar. Os vínculos afetivos, organizados e consistentes tanto na família como na escola permitem que as crianças lidem com conflitos, achegamentos e situações oriundas destes laços, aprendendo a solucionar problemas de maneira conjunta ou desmembrada. Nesse andamento, os estágios diferentes de desenvolvimento, específicos dos membros de família e também dos fragmentos distintos da escola, formam elementos fundamentais na intenção de promover modificação nos papéis do indivíduo em desenvolvimento, com consequências diretas na sua bagagem acadêmica e psicológica, de acordo com o grau de desenvolvimento e demandas do contexto, é permitido à criança, quando ingressa na escola, um estado maior de autonomia e independência relacionado ao que tinha em casa, aumentando assim, seu círculo social e conjunto de relacionamento. Sendo assim, a instituição escolar, oferece uma chance de praticar uma nova função que facilitará recursos fundamentais para seu desenvolvimento cognitivo, social, físico e afetivo, diferente do âmbito familiar.

## Capítulo IV

### APRESENTANDO A ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada na escola em que trabalho, localizada no bairro Tijuca – Rio de Janeiro, com os pais do tempo integral em que os alunos permanecem na escola por um período estendido de tempo, iniciando a rotina às 7 horas da manhã, onde recebe café da manhã, colação e fruta, realizam atividades pedagógicas, aulas diversificadas, como natação, teatro, artes, futsal e dança e ofício do estudante, tarefa que deveria ser cumprida em casa com a família, mas que é realizada no integral, devido ao tempo em que permanecem na escola, os estudantes também tomam banho na escola no período da manhã. Na parte da tarde, após descansar do almoço, os alunos da Educação Infantil dormem e em seguida são encaminhados para escolaridade, onde exercem as atividades cotidianas em sala de aula com sua professora regente em classe. Ao fim do dia, a escola oferece mais atividades extras curriculares de artes e esportes, completando assim, as 12 horas em que os alunos têm assistência da comunidade escolar, para que os pais possam cumprir suas jornadas de trabalho. O tempo integral não é destinado a todas as crianças, somente as famílias que optam por ele, para que elas permaneçam na escola para que possam trabalhar.

O colégio atende da Educação Infantil ao Ensino Médio, apesar das turmas serem a partir de 02 anos de idade, o integral só atende a partir de 3 anos, quando as crianças já têm mais autonomia, e se estende até o 5º ano do Ensino Fundamental. O regime adotado pelo colégio ao integral tem todo o caráter escolar, as crianças precisam estar devidamente uniformizadas, com aulas com folhas e caderno para atividades dirigidas.

Com espaço físico bastante amplo, o colégio possui uma excelente e grande estrutura, composta por três quadras esportivas, campo gramado, duas piscinas, biblioteca, dois teatros, salas de dança, sala de música, espaço multimidiático, laboratório de ciências, sala de experiências. A escola atende em média 1.500 alunos e um extenso quadro de colaboradores e professores. A maioria dos professores e auxiliares de turma tem formação em licenciatura em pedagogia e pós-graduação na área da educação.

A pesquisa foi feita por meio de dois questionários, sendo um voltado para os pais e outro para as professoras, aqui representados de “Mãe 1”, “Mãe 2” e “Mãe 3”, e quanto aos professores, “Professora 1”, Professora 2” e “Professora 3”, preservando assim, a identidade de

cada uma. A professora 1, graduada em Pedagogia, atua na Educação Infantil há 20 anos. A professora 2, tem Formação de Professores, graduada em Administração de Empresas, Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Especial e Neuro Psicopedagogia, atua na área há 23 anos. A professora 3, graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Especial e Neuro Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Especial e Neuro Psicopedagogia, atua na área há 18 anos.

#### **4.1 ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS**

A primeira pergunta foi: “Qual a sua opinião em relação à parceria entre família e escola para o desenvolvimento socioafetivo da criança?”. As professoras responderam que essa parceria, é fundamental para o desenvolvimento integral da criança. A participação da família se faz necessário para dar continuidade ao trabalho desenvolvido na escola, proporcionando então o diálogo e a participação, estabelecendo vínculos socioafetivos entre ambas.

Confirmando a fala das professoras, Cunha (2008) aponta que a escola e família devem estar associadas uma da outra, construindo no indivíduo os universos da sua autonomia, confiança, emoções, sentimentos e atributos que modificam suas estruturas pessoais, desta forma, ambas as partes devem ser interligadas através de vínculos afetivos do educando.

Na segunda pergunta: “Qual a importância de a criança frequentar a Educação Infantil?”. Todas as professoras afirmaram que a criança que frequenta a Educação Infantil, tende-se a socializar melhor, descobrir o mundo ao seu redor e desenvolver habilidades com o intuito de contribuir para as aprendizagens futuras, sendo assim a base da Educação.

Sendo assim, Silva (2012) faz uma diferenciação relevante em relação aos termos creche e jardim de infância. A creche por sua vez, ficava exclusiva dos cuidados maternos para as crianças, já que as mães tinham que trabalhar, tendo como principal objetivo, evitar o abandono delas por seus responsáveis. O jardim de infância desejava exercer o papel de moralizador da cultura, transmitindo as crianças os mesmos padrões adotados na França e Bélgica.

Conforme já citado anteriormente, Wallon (1981) diz que além da família, a escola tem papel fundamental para o desenvolvimento, pois é rico, diversificado e disponibiliza novas oportunidades de convivência para a criança, estimulando o encontro com as crianças da mesma idade. O professor deverá manter com a criança uma ordem pessoal, direta, quase maternal.

Na terceira pergunta: “Você acredita que as atitudes e os exemplos dos pais influenciam no comportamento de seus filhos?”, as respostas das professoras caminhou na direção de que elas acreditam que o exemplo dos pais, ou outros adultos no qual convivem, é importante para a construção da identidade dos filhos (crianças). As crianças aprendem através de observações e imitações. Essas aprendizagens podem ser para o “bem” ou para o “mal”.

Fazendo um paralelo com a questão do comportamento dos filhos sob influência das famílias, Cunha (2008) apresenta que a escola, resgata junto ao seu aluno, valores de sua formação. Famílias desestruturadas normalmente não são ambientes saudáveis para seus filhos. E, ao chegarem à escola, mostram-se carentes e demonstram alguns problemas emocionais. Sentem-se rejeitados, exibindo dificuldades de concentração, não possuem noções de trabalho coletivo e nem em termos de direitos e deveres. Nesse sentido cabe à escola, possibilitar ao aluno, o reencontro dos valores que ocasionalmente ficaram reprimidos no seu âmbito familiar. A Professora 2, além de concordar, acrescenta que cada sujeito, é um ser único, e que se pode deixar influenciar pelo meio social e sua predisposição genética.

#### **4.2 ENTREVISTA COM AS MÃES**

Na primeira pergunta: “Qual a sua opinião em relação a parceria entre família e escola para o desenvolvimento socioafetivo da criança?”. Em relação à essa parceria, a maioria das mães acreditam que se deve funcionar como uma equipe, no qual cada um tem seu papel, porém o mesmo objetivo, o desenvolvimento da criança, dessa maneira, havendo uma boa relação entre ambas. Em virtude dessas considerações, família e escola tem suas particularidades e suas complementariedades. Porém, não pode se aceitar como organizações totalmente independentes. Desta maneira, essas duas instituições têm propósitos distintos, mas que se interpenetram. Então Reali e Tancredi (2005), dividem a tarefa de capacitar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade.

Quanto à segunda pergunta: “Como e com que frequência você participa do cotidiano escolar do seu filho?”. As mães entrevistadas participam do dia a dia dos filhos através de reuniões, encontros e eventos da escola. A comunicação feita por meio da agenda é fundamental para que os pais possam estar integrados do que acontece com os seus filhos na escola, por isso a importância de verificar esse meio de comunicação todos os dias. É preciso pensar a parceria entre família e escola, no sentido de saber em que aspectos é possível à família mostrar-se

presente, de forma a fazer com que a criança se sinta confortável e segura em suas novas atividades.

Conforme explica Almeida (2005), a família é de suma importância para o enfrentamento dos desafios da aprendizagem, ou seja, do desenvolvimento infantil, pois o primeiro grupo que a criança tem contato, no qual sacia suas vontades e adquire seus primeiros comportamentos. Portanto, a criança é influenciada pelo meio familiar em que convive e a partir do momento que ela percebe o outro, cabe à escola colaborar para que ela desenvolva sua personalidade.

Já na terceira pergunta: “O que você espera que seu filho aprenda e/ou desenvolva na escola?”. As mães esperam que seus filhos aprendam a se socializar com as crianças e com os adultos, respeitando o próximo, compartilhando objetos, espaço físico e brincadeiras, e na estimulação da sua independência. A escola é um ambiente em que seu principal dever é a participação/ produção de conhecimentos, nesse sentido, Almeida (1999, apud LEITE E TASSONI, 2002) considera que as relações afetivas se enfatizam, pois, a transferência do conhecimento provoca, necessariamente, uma relação entre pessoas. Por isso, na relação professor – aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente.

E na quarta pergunta: “Você acredita que suas atitudes e seus exemplos possam influenciar no comportamento de seu filho?”. Todas as mães afirmam que as atitudes e os exemplos dos pais, são referências para os filhos. As crianças podem ser influenciadas pelos comportamentos dos adultos. A Mãe 1, acrescenta que os bons exemplos devem vir de casa e a escola dá continuidade ao trabalho. No que diz respeito da família, Polonia e Dessen (2005) aponta que um dos principais papéis é a socialização da criança, ou seja, sua inserção no mundo cultural por meio do ensino da língua materna, dos símbolos e normas de convivência em grupo, envolvendo a educação geral e parte da formal, em contribuição com a escola.

### **4.3 CONCLUSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

O problema estudado nesta pesquisa foi : Que contribuições a família pode oferecer na parceria com a escola de Educação Infantil visando o desenvolvimento socioafetivo da criança? De acordo com as respostas apresentadas podemos perceber que todas as mães, assim como as professoras, destacam de maneira positiva a importância da parceria entre escola e família. Como uma complementando a outra, havendo diálogo e interação entre ambas, é necessário que a comunicação deve ser o ponto principal da rotina família-escola. As famílias

mencionaram que os meios de comunicações atuais são grandes colaboradores neste processo, tornando mais rápido, prático e direto, o uso das redes sociais, e-mails, atividades com fotos, ligações e mensagens via Whatsapp, aproxima os pais da rotina das crianças e da escola.

É fundamental que a família esteja envolvida não só na escola, como no mundo da criança dando importância e significado ao seu universo. A escola relata que ao enviar informações da rotina a família, conhece o dia a dia do filho, seus gostos e preferências, fora do ambiente familiar e pode questionar as crianças, estimulando a fala, organização de ideias e principalmente se expressarem diante das situações vivenciadas. Em sala de aula, é fundamental que a professora proporcione aos alunos momentos de escuta, para que possam relatar suas vidas dentro e fora do ambiente escolar, para assim conhecer seu grupo e seus anseios. As professoras relataram que as rodas de conversas são ótimos momentos para os pequenos se expressarem, relatam sobre suas famílias, aprendem a ouvir e escutar. As crianças mais tímidas, aos poucos começam também se abrirem ao grupo, cantam e dançam músicas da rotina.

As educadoras descrevem que a afetividade ocorre entre ambas as partes, tanto na escola como na família, sendo assim, uma complementa o trabalho da outra. As mães afirmam que o afeto deve estar presente em todos os momentos do dia. Segundo Almeida (2005), citando Wallon, observa que o que une a criança ao meio social, são as emoções, antecipando a intenção e o raciocínio. As crianças quando entram para a escola, muitas das vezes, não estão preparadas, pois essa entrada significa o primeiro distanciamento da família. Sendo assim, o afeto com a professora poderá ajudar a criança a interagir com a escola e os colegas. A família precisa transmitir confiança a criança, desde o primeiro dia de sua inserção na escola, para que a professora por sua vez, acolha a criança, fortalecendo as emoções e criando laços com a turma, que serão reafirmados dia após dia.

De acordo com o art. 15º Estatuto da Criança e Adolescente, (Lei 8.069, de 13 de julho 1990), a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. (BRASIL, 1990). Sendo assim, cabe aos pais oferecer aos filhos um ambiente acolhedor, confortável e saudável para que a criança se desenvolva bem e feliz, construindo sua identidade. O exemplo, mencionado na pesquisa, foi evidenciado por todas as entrevistadas como fator importante no desenvolvimento socioafetivo, influenciando nos valores da formação do indivíduo. Famílias desestruturadas, geralmente não são ambientes

saudáveis para crianças crescerem, que pode vir a torná-los carentes, apresentando problemas emocionais, cabendo a escola, suprir estes valores.

Escola e família são responsáveis pelas barreiras e obstáculos naturais que aparecem na educação quanto à aplicação de alternativas pedagógicas para solucioná-las. Sendo assim, uma construção de uma experiência compartilhada de afeto e educação. A Educação Infantil, tem seu papel reafirmado quando pais e educadores esperam que as crianças se desenvolvam, solucionem situações problemas, interagindo socialmente com o ambiente de sua convivência.

A tese de Wallon (1968, apud LEITE E TASSONI, 2002), que no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo é de suma importância, a afetividade, mais uma vez é comprovada. As crianças para se desenvolverem é necessária a interação com outras pessoas, para assim socializar com adultos e crianças, respeitar o próximo, compartilhar espaços e objetos, se expressar e comunicar, alcançando assim sua autonomia.

Portanto, pode-se afirmar que a questão estudada foi respondida. As crianças tendem a evoluir socialmente e cognitivamente onde há a afetividade está presente, ou seja, esses vínculos (professor-aluno-família) devem se manter presentes não apenas na Educação Infantil, e sim, em todas as áreas de estudos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo foi examinada a importância da parceria da escola com a família no desenvolvimento socioafetivo da criança na Educação Infantil, no qual observou que a teoria de Wallon procura explicar o desenvolvimento da criança, o conhecimento, as interações com o meio social e com o meio humano mais próximo. Além disso, Vygotsky se faz presente na questão da emoção, onde atua nas formas do comportamento educativo. Partindo desse pressuposto, afirma-se que os educadores devem conhecer diversas teorias, além das trabalhadas nessa pesquisa, e que saibam introduzi-las nas suas práticas pedagógicas, de maneira que se tornam professores mediadores, incentivadores, observadores e questionadores.

A escola por ser o primeiro agente facilitador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem, oferecendo todas as condições essenciais para que ela se sinta segura e protegida. Portanto, é essencial a presença de um educador que tenha consciência de sua importância como agente transformador e com uma visão socio crítica da realidade.

A criança seja em casa, na escola, em todo lugar, está se constituindo como ser humano, através de sua experiência com o outro, naquele lugar, naquele momento. A construção do real acontece, através de informações e desafios sobre as coisas do mundo, mas o aspecto afetivo nesta construção continua, sempre, muito presente. Conhecer aspectos teóricos do desenvolvimento afetivo como o que foi aqui focado é fundamental para o educador. Entretanto, muitas vezes faltam-lhes outros elementos para subsidiar suas práxis, sobretudo para poder desenvolver a afetividade de seus alunos. Em relação a parceria família e escola, é fundamental a participação efetiva da família durante a trajetória escolar. Ambas devem estabelecer um processo de integração visando o desempenho do aluno.

É importante promover a conscientização de que juntas, escola e família, podem contribuir para formar um indivíduo mais seguro, confiante, interessado e participante dentro e fora do contexto escolar. Por isso, é necessário que as famílias compreendam o quanto são importantes para a formação saudável e efetiva de seus filhos, promovendo o envolvimento entre o ambiente escolar e a família.

Com este trabalho conclui-se que a família e a escola são grandes responsáveis pela afetividade da criança. Neste sentido, entende-se que a afetividade não se limita apenas em manifestações de carinho físico e elogios superficiais, mas exerce um papel fundamental no processo de desenvolvimento do aluno, seja ela criança ou adolescente. Sendo assim, o meio

social (família e escola) deve proporcionar relações de afetividade entre pais e filhos, professores e alunos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2005.
- AMARAL, Suely. Estágio Categorical. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 2008.
- BASTOS, Alice Beatriz B. IZique; DÉR, Leila Christina Simões. Estágio Personalismo. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 2008.
- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. Revista Psicopedagogia: São Paulo, 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862011000100007&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862011000100007&script=sci_arttext)
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida pra seu filho**. Rio de Janeiro: 22 ed. Campus, 1988.
- BOSSA, Nadia A. **Fracasso Escolar: Um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre, Artmed, 2002.
- BRASIL. LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96**. Senado Federal, Brasília, DF.
- Brasil, Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal. 1998.
- CIA, F.; WILLIAMS, L.C.A.; AIELLO, A.L.R. **Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da leitura**. Universidade Federal de São Carlos: São Paulo, 2005. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572005000200005#:~:text=Essas%20pesquisas%20enfativavam%20que%20o,1997%3B%20Guille%2C%202004\)>](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200005#:~:text=Essas%20pesquisas%20enfativavam%20que%20o,1997%3B%20Guille%2C%202004)>)
- CASTRO, Carlos Alberto Diógenes de. **A Evolução da Família e seus Direitos**. Fortaleza: 2011.

Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-da-familia-e-seus-direitos/58507>>

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

COSTA, Lúcia Helena F. Mendonça. Estágio sensório motor e projetivo In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.) **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2008.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa.

**Piaget, Vygostky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 20 ed. São Paulo: Summus, 1992.

DÉR, Leila Cristina Simões; FERRARI, Shirley Costa. Estágio da puberdade e da adolescência. In: MAHONEY , Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2008.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. **Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação**. São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/VWmqHMjzXwgDR43kbcv7BRH/?format=pdf&lang=pt>

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2008.

MONTE- SERRAT, Fernando. Emoções, afeto e amor: ingredientes do processo educativo. São Paulo: Academia da Inteligência, 2007.

OLIVEIRA, Cynthia Businoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. **A relação família- escola: intersecções e desafios**. Campinas,2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CM3Hj6VLtm7ZMxD33pRyhkn/?lang=pt>

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. Psicologia Escolar e Educacional, 2005.

**A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/?lang=pt>

REALI, Aline Maria M.R.; TANCREDI, Regina Maria S.P. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva**. Paidéia, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/wS67TztWcSYpmjCtKsrppLr/?lang=pt>

SANTOS, Isis Flora. **Como se deu o percurso da Educação Infantil no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Alexandre Costa da. **A origem da Educação Infantil no Brasil**. Pernambuco:2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-origem-da-educacao-infantil-no-brasil/91067>

SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral; Oliveira, Raquel Gusmão. **Funções e Transformações da família ao longo da história**. Paraná: 2003.

SOUZA, Edmacy Quirina de. Por uma compreensão Histórico-Filosófica da Infância. In: CAMPOS, Gleisy; LIMA,Lilian (Orgs.) Por dentro da Educação Infantil - A criança em foco. BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente->

VYGOSTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget fundamentos do construtivismo**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Veja, 1979.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa Estampa, 1981.

\_\_\_\_\_. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995

\_\_\_\_\_. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: : Martins Fortes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada – Henry Wallon**. Tradução Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2008.